

A EVOLUÇÃO DA DIFERENÇA: Uma experiência de educação antirracista

Alessandra Jesus Pinto – UFS

Danielle Siqueira dos Anjos – UFS

Ruan Melo da Cruz – UFS

RESUMO

Evolução é um termo que designa modificação com ascendência a nível populacional que são transmitidos pelo material genético. Em especial, a evolução humana contribuiu para um processo de diversidade fenotípica graças a dispersão de hominídeos e as diferentes pressões seletivas ambientais. No entanto, com a ascensão do modelo eurocêntrico durante os processos de colonização, as características estéticas relacionadas a negritude e aos símbolos associados a cultura africana, como cabelos, nariz, cor da pele, penteados e entre outros. Apesar da Independência das antigas colônias, o padrão eurocêntrico de beleza manteve-se através da infestação da colonialidade no subconsciente social da coletividade. Tendo em vista o papel social da Biologia na divulgação do Racismo científico nos séculos XIX e XX e o impacto da colonialidade na autoestima de jovens negros, tal artigo visa detalhar e esclarecer sobre o relato de experiência obtido através das discussões realizadas no Minicurso “Cabelo: A evolução da diferença” que foi ministrado e planejado pelos autores do presente trabalho. Nesse sentido, com a finalidade de proporcionar uma discussão acerca dos mecanismos coloniais na construção do racismo e da discriminação, especialmente em relação às características fenotípicas como cabelo e cor de pele.

Palavras-Chave: palavra; palavra; palavra; palavra; palavra

INTRODUÇÃO

Segundo Neto (2009), o termo evolução é utilizado para se referir ao processo de mudanças que ocorrem ao longo do tempo nos seres vivos originadas por processos genéticos, e selecionadas por fatores como pressão ambiental, como temperatura, disponibilidade de água, de alimento, entre outros. Onde as características são passadas de maneira aleatória pelos sobreviventes dessas pressões seletivas.

Genótipo pode ser compreendido como conjunto de genes, localizado no DNA, enquanto fenótipo refere-se às características que um ser exibe no decorrer do seu desenvolvimento a partir da influência e pressões impostas pelo ambiente (Meglhioratti, 2017).

Com o surgimento dos primeiros hominídeos, e seu processo evolutivo, ocorreu a dispersão dos seres do gênero homo, saindo da África em direção a Ásia e Europa,

fazendo com que esses seres sofressem com as diferenças ambientais dos novos lugares. Assim, as características dos sobreviventes às pressões foram passadas aos descendentes por meio da reprodução dos mesmos, ou seja, pela seleção em resposta à pressão ambiental (O gênero homo, 2022).

Nesse sentido, observa - se que, os processos de estigmatização de traços fenotípicos (formas de nariz, tonalidade de pele, cores e texturas de cabelo) relacionados a grupos racializados como negros, compõe um fenômeno enraizado no contexto brasileiro. Inclusive, em especial, durante o processo de colonização no Brasil houve uma sistemática tentativa de apagamento de identidades negras por meio da estigmatização de seus cabelos e corpos (Gomes, 2003 apud Fagundes, 2010).

As tranças e o cabelo afro representam simbolicamente a pluralidade de identidades das civilizações africanas. Em especial, pois os cabelos afro e os seus diferentes penteados poderiam representar tanto o status quanto as diferentes etapas da vida como nascimento, iniciação, casamento e falecimento. Além disso, a partir da forma de trançar um cabelo, era possível identificar o clã que um indivíduo pertencia, dado que cada clã tinha formas específicas de pentear o cabelo (Isaías, 2021).

No entanto, com o avanço das grandes navegações no século XV, se sucedeu uma diáspora africana graças à expansão do comércio de pessoas escravizadas para as colônias, com destaque para as colônias americanas sob posse de Portugal e Espanha. Nesse sentido, era comum que os colonizadores realizassem a raspagem dos cabelos de pessoas escravizadas negras e a troca de seu nome, assim representando simbolicamente a morte de sua antiga identidade (Albuquerque, 2006).

Ainda que, durante o período colonial, as tranças passaram por processo de resignificação para os movimentos de resistência à escravização, como a utilização delas para indicar as rotas de fugas para quilombos, construiu - se um imaginário social de que assumir os cabelos crespos eram adjetivados como sujos e “ruins” (Gomes, 2002 apud Cavalcante; Santos, 2023).

Desta maneira, é válido ressaltar que a colonialidade eurocêntrica foi um elemento estruturante e estruturador fundamental para que essa construção social de rejeição a características e símbolos associados a grupos racializados perdurasse mesmo após a

conquista da independência de nações do poderio político de seus antigos colonizadores (Tonial; Maiheire; Costa, 2020). Assim, a colonialidade atua como um elemento que impregna não apenas das estruturas de poder que regem a vida comum, mas também atua como um processo de dominação subjetiva através de símbolos.

No contexto brasileiro, como movimentos de resistência de afirmação da identidade negra ascendeu o Movimento Negro unificado nos anos 70 durante a ditadura civil- militar inspirados no movimento Black Power que ascendeu nos EUA pela luta pela igualdade civil entre brancos e negros, houve um processo de problematização da democracia racial e ressignificação de símbolos da cultura negra. Aliás, ainda após a abolição da escravidão em 1888, o estigma em torno dos cabelos crespos e a cor de pele eram características utilizadas para justificar a suposta incapacidade de pessoas pretas e pardas de alçarem o ensino superior, dado que a justificativa fornecida era que indivíduos com essas características apresentavam uma notória inferioridade e incapacidade intelectual. Assim, reforçando e naturalizando a exclusão dessas pessoas nesses espaços (Custódio, 2017).

Como formas de resistência ao modelo colonial eurocêntrico e capitalista, observou-se a ascensão do movimento “*Black Power*” nos Estados Unidos da América nos anos 70. Esse movimento é considerado como um importante expoente de contestação à continuidade em uma lógica racista entranhada no sistema socioeconômico norte - americano, de maneira que consistiu em uma articulação de mobilização social multifacetada que teve impactos na produção intelectual e cultural (Goulart, 2019).

Segundo Pinho (2023), tal movimento foi relevante juntamente com o movimento pela luta civil para o fim da segregação racial nos EUA, para a eclosão do Movimento Negro unificado. (MNU) no Brasil durante os anos 70 na ditadura civil - militar. O MNU foi um importante movimento para a desconstrução de uma suposta democracia racial existente no Brasil após escravidão, uma vez que os fatos históricos e materiais corroboram que existe uma latente diferença de tratamento e acesso a oportunidades entre brancos e negros. Além disso, foi fundamental para uma maior discussão sobre a lógica racista de dominação de corpos racializados e subjetividades dentro do contexto pós - independência e fim da escravidão.

Nos dias atuais, diante de grandes esforços em 2003 acontece a promulgação da Lei 10.639/03 que inclui a cultura afro-brasileira no currículo escolar, como resultado de mobilizações do MNU e do movimento negro como um todo. E em 2008 ocorreu a promulgação da Lei nº 11.645/2008 que inclui e torna obrigatório no conteúdo programático o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, e a cultura negra e indígena brasileira. Instituído a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas disciplinas do ensino fundamental e médio. Assim, é estabelecida formalmente a importância de se levar em conta a contribuição das matrizes indígena e africana para a formação do povo brasileiro (Pinho, 2023).

Diante do apresentado, objetivou-se compreender como se deu o processo de evolução e dispersão dos Hominídeos, a fim de apreender acerca dos processos de geração da diversidade de características morfológicas e a sua relação com o meio em que está inserido, com o intuito de veicular a discussão sobre a imposição de um padrão estético eurocentrista como unicamente aceitável para assim identificar como se dá o processo de articulação dos movimentos sociais contra uma ordem vigente, gerando assim, a sensibilização no que se trata de autoimagem reconhecimento e empoderamento por meio de características fenotípicas criticadas durante a construção histórica da sociedade.

ENTREATOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS E PLANEJAMENTO

Tendo em vista o papel desempenhado historicamente da Biologia entre os séculos XIX e XX no processo de naturalização do racismo científico, uma vez que as justificativas meramente religiosas para sustentar a suposta superioridade branca em relação aos grupos racializados no contexto pós-primeira revolução Industrial e ascensão das Ciências naturais, tornaram-se insuficientes para sustentar as ações neocolonialistas de invasão e partilha de territórios africanos pelas potências europeias como França, Alemanha e Inglaterra, por exemplo (Pentean, 2014).

Nota-se evidentemente que a publicação do livro *A origem das espécies* de Charles Darwin trouxe uma nova perspectiva acerca da diversidade da vida, uma vez que demonstrava que ao contrário do que pensavam os fixistas de organismos estáticos, a teoria darwinista propunha uma ideia de uma ancestralidade comum e modificações com

herança que tirava a humanidade de centralidade, um pressuposto que advinha desde a insurgência do racionalismo e heliocentrismo do século XV (Bolsonello, 1996).

Entretanto, concomitantemente que a teoria evolucionista contribuiu para uma nova compreensão da origem da diversidade, ao mesmo tempo foi utilizada e reinterpretada por autores das Ciências sociais como Francis Galton, Karl Person e Madison Grant para a criação de um movimento científico e social conhecido como eugenia (Souza, 2012).

Consoante Jacino e Goes (2022), a eugenia era uma vertente que visava através dos conhecimentos da evolução e dos mecanismos de hereditariedade promover uma seleção artificial na população humana, a fim de alcançar o ideário de uma raça superior - o homem branco com características caucasianas e de ascendência européia. Isto é, preconizando o imaginário social de que a mestiçagem era um tendão de aquiles ou contraditoriamente uma forma de embranquecer a população.

No contexto brasileiro, os mecanismos raciais produzidos a partir do racismo científico propagado pelo movimento eugenista brasileiro associado ao mito da democracia racial produziu um silenciamento das discussões sobre o racismo no cenário social durante décadas (Domingues, 2005). No entanto, a mobilização social indissociavelmente contribuiu para a cobrança de políticas públicas escolares que melhor discutirem sobre as contribuições das culturas africanas e indígenas na construção social e histórica do Brasil.

Assim, tendo em vista o papel essencial de uma formação inicial de docentes sensíveis às problemáticas etno- raciais que abarcam as mais diversas realidades no cenário brasileiro para a promoção de uma sociedade mais equitativa. Dessa maneira, foi proposto e executado o projeto de extensão BioExplora: Um universo de culturas” para a realização de atividades e discussões sobre a temática supracitada através de uma percepção do multiculturalismo crítico alinhado com o antirracismo e o feminismo (McClaren, 1997).

Ainda de acordo com McLaren (1997), os educadores e professores devem se articular a fim de promover um currículo cultural baseado no multiculturalismo crítico, antirracismo e feminismo para refletir a diversidade da sociedade e combater

preconceitos. Isto porque as relações de poder são assimétricas e as diferentes formas de opressão interagem e se somam numa realidade do capitalismo globalizado, de modo que as opressões de gênero, raça, orientação sexual estão condicionadas às relações de poder material que se revelam através dos signos (semiótica). Desse modo, uma educação pautada nesses preceitos contribuiria para formação de cidadãos críticos e engajados na promoção da transformação social.

O evento "BIOEXPLORA: Um Universo de Culturas", realizado em 09 de março de 2024, sob a coordenação da Profa. Isabela Santos Correia Rosa, foi uma iniciativa voltada para a criação de um espaço de discussões e reflexões sobre a diversidade cultural no ensino da Biologia. O projeto tinha como objetivo principal promover o diálogo entre diferentes perspectivas culturais, enriquecendo, assim, o processo educativo da Biologia.

O "BIOEXPLORA" foi idealizado por alunos do componente curricular "Perspectivas Culturais no Ensino de Biologia e Educação" (BIOL0298) da Universidade Federal de Sergipe, o qual prevê atividades de ensino e extensão em sua ementa. O evento buscou transcender os limites da sala de aula tradicional, oferecendo experiências práticas e interativas, como oficinas e minicursos. Esses minicursos, desenvolvidos e apresentados pelos próprios alunos da disciplina, foram abertos à participação dos estudantes da 3ª série do ensino médio da Escola Armino Guarani, que puderam escolher entre diferentes opções:

- Minicurso 1: "Cabelo: A Evolução da Diferença"
- Minicurso 2: "Alimentação e Cultura dos Povos Tradicionais"
- Minicurso 3: "Remédios do Mato: Os Saberes dos Povos Originários"
- Minicurso 4: "Evolução e sua Relação Sociocultural com o Racismo"

Além dos minicursos, os participantes puderam integrar-se nas oficinas oferecidas durante o evento. Desta forma, tal evento extensionista visou respeitar e valorizar as diversas identidades culturais dos estudantes e da sociedade, abordando temas sensíveis e relevantes de maneira inclusiva e diversificada no contexto das ciências. O evento promoveu a interação entre futuros professores e alunos, contribuindo para a formação de

uma consciência crítica e inclusiva nos futuros educadores biólogos, e reforçando a importância do papel social que o professor desempenha em sala de aula.

O presente artigo visa detalhar e esclarecer sobre o relato de experiência obtido através das discussões realizadas no Minicurso “Cabelo: A evolução da diferença” que foi ministrado e planejado pelos autores do presente trabalho. Nesse sentido, com a finalidade de proporcionar uma discussão acerca dos mecanismos coloniais na construção do racismo e da discriminação, especialmente em relação às características fenotípicas como cabelo e cor de pele.

Portanto, foi aplicado um plano de aula que não visasse a desconstrução de preconceitos ligados a características fenotípicas, mas que também dialogassem com as formas de resistência que são representadas através das lutas por movimento sociais como Black Power e do MNU e o impacto da valorização da estética negra nos espaços de disputa política (Pinho, 2024). A seguir no quadro 1 se apresenta o plano de aula.

Quadro 1: Quadro temáticas abordadas durante o minicurso.

UNIDADE DIDÁTICA E COMPETÊNCIA/HABILIDADE ASSOCIADA (BNCC): COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: (EM13CNT208) Aplicar os princípios da evolução biológica para analisar a história humana, considerando sua origem, diversificação, dispersão pelo planeta e diferentes formas de interação com a natureza, valorizando e respeitando a diversidade étnica e cultural humana.			
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDOS	Nº/HORAS DE AULAS	DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

• Compreender como se deu o processo de evolução e dispersão dos Hominídeos; • Apreender sobre os processos de geração da diversidade de características morfológicas e a sua relação com o meio; • Discutir sobre a imposição de um padrão estético eurocentrista como unicamente aceitável; • Identificar como se dá o processo de articulação dos movimentos sociais contra uma ordem vigente	• Evolução Humana; • Variabilidade dos traços fenotípicos; • Cabelos Afro e simbologia; • Movimentos sociais de resistência.	04	• Apresentar texto que aborda e define evolução; • Realizar a leitura do texto com a turma; • Apresentar texto que aborda e define fenótipo e genótipo; • Realizar a leitura do texto com a turma; • Discutir o conteúdo dos textos, comparando com os aspectos da comunidade local; • Exibir o vídeo que demonstra a dispersão dos Hominídeos e o surgimento de características de acordo com as pressões seletivas (https://www.youtube.com/watch?v=oAzaoSt0MDA)e (https://www.youtube.com/watch?v=DBC29cUHxYg); • Realizar atividade interativa com reprodução de imagens chamada: "Quem é quem?"- onde por meio da exibição de imagem de pessoas de diferentes "raças", pedimos para o alunado imaginar e expor qual seria a história de vida por trás do fenótipo expresso na foto daquela pessoa; • Realização de debate de exposição de opinião e fixação.
---	---	----	--

Fonte: Os autores (2024).

PRÁTICA DOCENTE E RESULTADOS OBTIDOS

O minicurso "Cabelo: A Evolução da Diferença" teve como principal objetivo discutir a imposição do padrão estético europeu como único modelo de beleza. Ao longo do curso, os alunos foram introduzidos ao conceito de evolução, utilizando slides como principal recurso didático. Atividades interativas foram realizadas para estimular a reflexão dos alunos sobre suas próprias identidades, especialmente em relação aos seus cabelos, incluindo a atividade "Quem Sou Eu?".

Em seguida, a aula abordou temas centrais ligados à evolução e à estética, começando com uma explicação teórica sobre evolução, contextualizada com conceitos genéticos, como genótipos e fenótipos. A África foi apresentada como o berço da humanidade, destacando a evolução do ser humano e a maneira como as noções de beleza se transformaram ao longo do tempo. Para reforçar esses conceitos e incentivar uma reflexão crítica, foi exibido o vídeo "O que a cor da sua pele e cabelo diz sobre você?"(Itamarino,2021). Além disso, a diversidade de formas de cabelo, tipos e texturas

foi discutida, juntamente com a história da colonização e os movimentos de resistência relacionados aos cabelos afro.

Após a exposição teórica, foi realizada uma atividade prática onde cada aluno recebeu um cartão para definir seu cabelo em uma palavra. A atividade foi seguida por uma discussão, na qual os estudantes compartilharam o que seus cabelos representavam para eles. Esse momento promoveu uma reflexão crítica e sensível, com uma participação significativa dos alunos.

Fotografia 1: Exposição dos simbolismos dos cabelos crespos e cacheados para civilizações africanas.



Fonte: Os autores (2024).

A atividade principal do minicurso envolveu um exercício intitulado "Qual a Profissão?". Os alunos deveriam associar profissões a imagens de pessoas, baseando-se em características físicas, etnia, cor, corpo e vestimentas. As profissões apresentadas incluíam professor, artista de rua, palestrante, executivo, gari e modelo. Esta atividade foi planejada para desafiar os preconceitos implícitos dos alunos, como, por exemplo, "Por que um homem de terno não poderia ser um gari durante o dia?" ou "Por que uma mulher obesa não poderia ser uma modelo?". Através desses questionamentos, os alunos foram incentivados a refletir sobre os estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade.

Ao final, os alunos descobriram as verdadeiras profissões das pessoas representadas nas imagens e refletiram sobre os preconceitos manifestados durante a atividade. O minicurso atingiu seu objetivo de promover uma reflexão profunda sobre identidade, diversidade e preconceito, deixando um impacto significativo nos participantes.

Ao final do minicurso, alguns estudantes vieram conversar sobre o quanto as discussões sobre a importância simbólica dos cabelos afro para sua desconstrução. Entre

eles, observou-se o contingente de duas alunas que de modo privado revelaram as dificuldades na aceitação de seus cabelos cacheados e o quanto a compreensão delas havia se modificado após a aula.

A turma de alunos demonstrou empolgação e interesse, inclusive demonstrando engajamento. Ao final da aula, os alunos entregaram a palavra que definia o seu cabelo que preencheram em sala de aula antes do início das discussões, observou-se uma relação dicotomia entre bilhetes que se auto afirmam como “lindo”; “coroa”; “identidade” e termos pejorativos como “difícil” e “Rebelde”. A seguir a foto 2.

Fotografia 2: Caixa com cartões utilizados pelos alunos.



Fonte: Os autores (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o minicurso “Cabelo: A evolução da diferença”, promoveu uma reflexão crítica sobre a imposição de padrões estéticos eurocêtricos. Através de atividades práticas e interativas, onde os alunos puderam questionar sobre preconceitos e estereótipos, além de olhar para si mesmo com suas próprias identidades no que diz respeito aos seus próprios cabelos. A abordagem multidisciplinar tratou de questões biológicas e sociais, destacando a importância de integrar a diversidade cultural e étnica no ensino de biologia. Os resultados obtidos, como os alunos participando ativamente e a transformação nas percepções individuais sobre o cabelo e identidade, demonstrou a relevância de trabalhar com essas atividades pedagógicas, promovendo diversidade em sala de aula. A formação de professores intelectuais, éticos e sensíveis a essas temáticas, sendo capacitados para enfrentar diversas realidades. A experiência proporcionada pelo

“BIOEXPLORA” é essencial para construir um reconfortante espaço educacional transformando e implementando a inclusão e o respeito à diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>>. Acesso em 22 de ago de 2024.

BOLSONELLO, Maria Augusta de. **Darwinismo, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e educação brasileiras**. Curitiba, Editora UFPR. n. 12, p. 153-165. 1996.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, Educação e Interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, 2008.

CAVALCANTE, R.; SANTOS, D. **A química do cabelo e a construção da identidade étnica na escola**. Recife, 2023. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/50356/1/TCC%20Rani%20Cavalcante%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em 22 de ago. de 2024.

CUSTÓDIO, Lourival A. Teixeira. **Um estudo de classe e identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU) – 1978 – 1990**. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de PósGraduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-22052018-122717/publico/Original_Lourival_Custodio.pdf. Acesso em 09 de set de 2024.

FAGUNDES, Rafaela M. **Penteado Afro: Cultura, Identidade e Profissão**. Governo Federal. Disponível em: <https://palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Penteado-Afro-Cultura-Identidade-e-Profiss%C3%A3o.pdf>. Acesso em 22 de jan. de 2024.

GASPAR NETO, V. V. Divulgando a evolução biológica para o grande público. **Historia, ciencias, saude--Manguinhos**, v. 16, n. 4, p. 1133–1137, 2009.

GOULART, Henrique Rodrigues de Paula. **Entre os Estados Unidos e o Atlântico Negro: o Black Power de Stokely Carmichael (1966-1971)**. 2019. 223 p. Dissertação em mestrado em programa de pós - graduação em História Social - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/USP_76fb7c44e4fbb7161b5d43f353f3d. Acesso em 22 de jul de 2024.

IAMARINO, Átila. **O que a cor de seu cabelo e da sua pele diz sobre você?** 2021. 1 vídeo (13:36 min). Publicado pelo canal de Atila Iamarino. Disponível em: <https://youtu.be/oAza0St0MDA?si=Wf8yxJcTJvpugUM2>. Acesso em: jan. 2024.

ISAIAS, G. **Tranças Africanas e Recursos Imaginativos: o outro lado do espelho de Narciso**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://redealcar.org/wp-content/uploads/2021/09/53_gt_historiadasmidiasaudiovisuais.pdf>. Acesso em: 9 set. 2024.

MEGLHIORATTI, F. A. et al. **Um modelo sistêmico das relações entre os conceitos de organismo, gene, genótipo, fenótipo e ambiente**. 2017. Disponível em: <<https://www.abfhib.org/FHB-12-2/FHB-12-02-01-Fernanda-Meglhioratti-et-al.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2024.

O GÊNERO HOMO. Disponível em: <https://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2b.htm>. Acesso em 24 de jan. de 2024.

PINHO, Bruno. **Movimento Negro Unificado (MNU) -O que é, história e importância**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro-unificado/>. Acesso em 22 de Jan. de 2024.

TONIAL, Felipe Augusto Leques; Maiheire, Kátia; COSTA, Cláudia Junqueira de Lima. **Colonialidade, Estética, e Partilha do Sensível: Debates em torno da Arkhé do mundo moderno/Colonial**. Athenea Digital, 2020. Acesso em: https://ddd.uab.cat/pub/athdig/athdig_a2020v20n3/athdig_a2020v20n3p2492.pdf. Acesso em 23 de Jan. de 2024.

TEIXEIRA, Isabella Melo; SILVA, Edson Pereira. **A história da eugenia e ensino de genética**. Revista História da Ciência e Ensino, São Paulo, v. 15, p. 63-80, 201.

JACINO, Ramatis; GOES, Weber Lopes. **Segregação ou miscigenação: os dilemas da eugenia no Brasil na primeira década do século XX**. Revista Aurora, Marília, v. 15, n. 1, p. 191-194, jan./jun. 2022.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

PETEAN, Antonio Carlos Lopes. **O racismo e o diálogo entre as Ciências Humanas e as Ciências Naturais**. Revista de Ciências Humanas, v. 3, n. 1, jan. 2014.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nosso profundo agradecimento à professora Isabela Santos Correia Rosa, por nos proporcionar a oportunidade de participar deste projeto enriquecedor durante as aulas da disciplina de Perspectivas Culturais no Ensino de Biologia e Educação. Estendemos também nossa gratidão aos colegas de classe, onde o esforço conjunto de todos foi fundamental para o sucesso desse projeto, além da participação ativa da escola convidada, que prontamente somou-se ao projeto, proporcionando uma experiência ímpar e de suma importância no nosso processo formativo profissional e no processo de aprendizagem do público alvo.